

Dinheiro Não Dá Felicidade, Mas Paga Aquilo que Ela Gasta: Estagnação e Crescimento Económico em Moçambique

Apresentação no Seminário “Protecção Social: Promoção da Protecção Social e Trabalho Informal no Seio da População de Rua”

António Francisco^[1]

1 de Agosto de 2012



• Índice da Apresentação

1. Resumo (3-6)
2. “Dinheiro não dá felicidade, mas paga aquilo que ela gasta” (7-9)
3. Felicidade sem cinismo, nem culpa (10-12)
4. Dinheiro, necessidade e desejos (13-20)
5. Moçambique no Mundo: Criar e Repartir Riqueza (21-27)
6. Moçambique: Falido mas Não Falhado (28-34)
7. Três formas de adquirir riqueza... (35-38)
8. Protecção Social: Demográfica e Financeira (39-43)
9. “Utilidade das coisas inúteis” (44-47)
10. Debate (48)
11. Referências seleccionadas (49)

• Resumo

A razão do convite para esta apresentação, foi o desejo dos organizadores do seminário em introduzir o tema da PROTECÇÃO SOCIAL (PS) como um debate aberto e relevante para Moçambique, tanto em termos geral como em termos específicos. O argumento principal desta apresentação é que enquanto o debate sobre PS for focalizado em torno do que o Estado Moçambicano faz, não faz e deveria fazer, dificilmente poderemos ser relevantes, abrangentes e inclusivos.

Um debate sobre PS mais abrangente deve colocar o indivíduo e a família no centro da atenção, com vista a perceber os mecanismos, iniciativas e programas implementados, com o objectivo de garantir uma segurança humana cada vez mais digna, libertando os cidadãos de dois medos cruciais no ciclo da vida humana: 1) Medo da carência, sobretudo alimentar e profissional, seja ela accidental, crónica ou estrutural; e 2) Medo da agressão, da desprotecção física e psicológica e da insegurança (Francisco 2010, p.37).

Isto significa, que os debates sobre PS devem centrar-se nas acções e relações sociais dos actores, nomeadamente dos indivíduos e das famílias, evitando reduzir ou confundir o domínio da PS ampla com a PS restrita, principalmente a assistência social pública proporcionada pelas entidades públicas ou privadas.

• Resumo

Neste contexto, é importante evitar a tendência assistencialista e por vezes demasiado paternalista, em que as expectativas são depositadas num grupo de supostos “poderosos” , o grupo dos desenvolvimentistas, empoderadores e protectores da grande maioria vulnerável, desprotegida e despossuída.

Precisamos de um Estado que se preocupe em defender os direitos de segurança pessoal e da propriedade individual, em vez de se assumir como o dono e principal responsável pela vida das pessoas.

Esta apresentação centra a sua atenção no dinheiro e no seu papel como meio de realização da felicidade por duas razões. Primeiro: uma das causas da insegurança individual, debilidade e precariedade dos actuais sistemas de protecção social ao nível local, basea-se no facto da maioria das pessoas ainda permanecerem excluídas dos sistemas financeiros, tanto formais como informais; ou seja, a inexistência de sistemas que permitam às pessoas criarem mecanismos diversificados de protecção contra riscos, previsíveis e imprevisíveis. Moçambique possui actualmente um crescimento económico relativamente elevado, mas demasiado concentrado numa pequena parte da economia e da população activa, enquanto a maioria da população, representando cerca de 80% da população adulta, encontra-se mergulhada numa estagnação profunda, crónica e prolongada (Vletter et al. 2009; Francisco 2002; Francisco 2010).

• Resumo

A população maioritariamente rural, vive de uma economia de subsistência precária, com uma renda mediana, de pouco mais de US\$50 por ano, contra uma média nacional do PIB per capital de aproximadamente US\$450 (Francisco & Muhorro 2011).

Enquanto o planeta financeiro mundial já faz sombra ao planeta económico e produtivo (em 2006, o PIB mundial era estimado em \$47 biliões, contra uma capitalização total dos mercados bolsistas mundiais de \$51 biliões (10% superior ao PIB); as obrigações domésticas e internacionais eram \$68 biliões (50% superiores ao PIB); os derivados financeiros \$473 biliões (17 vezes superior ao PIB), em Moçambique, por volta de 2009, cerca de 78% da população adulta continuava excluída do sistema financeiro, formal e informal (Ferguson 2009; Vletter et al. 2009).

Qualquer pretensão de desenvolvimento de um sistema de PS abrangente, inclusivo e moderno será pura ilusão, se a população não fôr integrada em sistemas financeiros modernos. Sistemas que progressivamente substituam a elevada proporção de crianças e idosos envolvidos na actividade produtiva, devido à fraca produtividade da população em idade economicamente activa.

• Resumo

Em segundo lugar, a ligação da questão da PS com o dinheiro, surge pelo facto de que aquilo que todo o indivíduo procura na vida, resume-se a uma só palavra; a **FELICIDADE**.

Felicidade, como fim e razão de ser da vida de cada um, em vez de meio para outros fins ou para bem de alguns. O alcance da felicidade é o maior e principal objetivo moral do indivíduo. Neste contexto, o dinheiro satisfaz múltiplas utilidades, como meio e não como fim em si, esperando-se do Estado e dos mecanismos económicos, que assegurem a devida valorização do dinheiro, em conformidade com o valor real da riqueza nacional produzida. Quando tal não acontece, as pessoas perdem parte significativa da sua riqueza, como aconteceu em Moçambique, na primeira década de independência, ou mais recentemente, no vizinho Zimbabwe, por causa da hiper-inflação sem precedentes no mundo. Nestas alturas, as pessoas são forçadas a regredirem para a troca mercantil directa e primitiva, expondo-as à total vulnerabilidade e insegurança.

- “Dinheiro não dá felicidade, mas paga aquilo que ela gasta”

(Millôr Fernandes)

- **Porquê este tema?** Olhando o programa do seminário, pensei: tema interessante, mas porquê trata-lo de uma forma académica e cerimonial, quando a questão em debate é tão terra-a-terra e simples?
- Os temas abordados valem por si:
 - “Valorização do trabalho dos catadores de lixo como forma de reintegração social e preservação do ambiental”.
 - Resíduos sólidos urbanos como fonte de rendimento das pessoas vulneráveis...”
 - “Catadores: uma ameaça para a segurança pública?”
 - “Protecção social às crianças de rua; necessária, desejável e possível?”
- Reconheço que os temas são bastante sérios, para serem academizados. Por isso, optei por recorrer à frase de Millôr Fernandes, recentemente falecido, no título.

• “Dinheiro não dá felicidade, mas paga aquilo que ela gasta”

(Millôr Fernandes)

- O meu objectivo não é fazer a defesa do dinheiro pelo dinheiro. Não é preciso convencer ninguém da sua importância. O próprio Millôr Fernandes (MF) escreveu:
 - Qual é a única coisa que não explora o sexo feminino? O dinheiro. Estou me referindo às notas, claro. O dinheiro de papel. Se você olhar o papel-moeda em qualquer país do planeta, não vai achar a exploração sexual ali. Não tem mulher nua, de maiô ou de bunda de fora. Você vai ver homens barbudos, homens a cavalo ou no máximo a Rainha Vitória. Em qualquer outro produto do mundo, da pipoca ao iate ou ao apartamento, tem sempre uma mulher explorada de todas as maneiras. O dinheiro não precisa desses apelos. **A força dele é tão grande, que basta a si próprio.**
 - “Não possuir algumas coisas de que se necessita é parte fundamental da felicidade” (MF)
 - “O dinheiro não traz a felicidade. Manda buscar “ (MF)
 - **“O dinheiro não é tudo, tudo é a falta de dinheiro” (MF)**

- **“Dinheiro não dá felicidade, mas paga aquilo que ela gasta”**

(Millôr Fernandes)

- Também não venho aqui apelar, como alguns colegas investigadores fariam:

Basta dar dinheiro aos pobres! (Hanlon 2010).

- Difícil talvez, é falar de felicidade. Difícil, porque temos a tendência de negar que a felicidade é o nosso principal objectivo de vida.
- Defendo que o propósito moral da vida das pessoas é a conquista da felicidade individual. E isto não é fácil ser aceite publicamente, por causa da nossa cultura cínica e fingida.
- **“A felicidade não é ausência de conflito; é a habilidade de lidar com ele!”** (MF)

3

• Felicidade Sem Cinismo, nem Culpa

- Todos nós andamos nesta vida à procura de:
FELICIDADE
- É tão importante na vida individual, que alguns olham-na com demasiada seriedade, ou talvez mesmo, medo e ansiedade.
- Outros encaram-na com cinismo e sentimento de culpa; cinismo, por fingirem que não procuram a felicidade individual, mas só querem o bem comum; culpa, por não se atreverem a reconhecer abertamente o desejo de serem felizes.
- Outros ainda encaram a felicidade de forma mística e muito supersticiosa. Atribuem a sua existência a um ser superior, como se não fossem merecedores dela, razão pela qual, quando algo os fazem sentir próximo da felicidade, desfazem-se em desculpas dizendo: “**Não fui eu... Foi vontade de Deus**”.

3

• Felicidade Sem Cinismo, nem Culpa

- Perguntem às mulheres moçambicanas:

“Quantos filhos desejam ter na vida?”

- Respondem: “Hich! Nem sei. Deus é quem sabe”.
- São muitas as canções que dizem algo como o seguinte:

**Tristeza não tem fim
Felicidade sim (Elis Regina)**

- Comportar-se como servo de um ser superior é frequente em pessoas que desconhecem a explicação do comportamento da natureza. Fomos educados desde crianças, que em vez de sermos um fim em nós mesmos, cada um de nós é um meio para o bem-estar dos outros. Ou seja, cada indivíduo não deve viver para o seu próprio proveito, mas deve sacrificar-se pelos outros, ou então sacrificar os outros por si.
- **Mas viver para o proveito próprio, significa que o propósito moral mais alto do ser humano é a realização de sua própria felicidade.**

3

• Felicidade Sem Cinismo, nem Culpa

- Como escreveu Rand (1964), a nossa sobrevivência não confronta a nossa consciência como uma questão de “vida ou morte”, mas de “felicidade ou sofrimento”.
- **“A felicidade é o estado de triunfo da vida, o sofrimento é o alerta da morte. O mecanismo emocional da consciência do homem, é um barômetro que registra as suas emoções básicas: felicidade ou sofrimento” (Rand, 1964).**
- Nem a vida, nem a felicidade—o estado da consciência que provém da realização dos próprios valores—podem ser atingidas através de caprichos irracionais. É apenas através da aceitação da própria vida, como princípio fundamental, e da busca dos valores racionais requeridos pela vida, que se alcança a felicidade (Rand 1964).

4

• Dinheiro, Necessidade e Desejos

- Tal como as palavras descrevem mais do que as suas vogais e consoantes, o dinheiro simboliza uma existência particular no mundo, através da qual as pessoas transaccionam e realizam seus desejos e suas necessidades (Buchan 2002, p.36).
- A diferença entre uma palavra e uma unidade monetária, é que o dinheiro sempre simbolizou e sempre simbolizará coisas diferentes para pessoas diferentes. Uma certa quantia de dinheiro pode representar inúmeras coisas
 - Para uma pessoa é as compras do mês no super -mercado;
 - Para outra significa pagar uma operação e ficar bom de saúde;
 - Para outra é beber uns copos no bar ou ir de viagem turística;
 - Para outra é comprar um fio de ouro ou um anel de diamante;
 - Para outra pessoa é praticar um acto de caridade;
 - Para outra ainda, é pagar uma indemnização;
 - E ainda outra, desfrutar a sensação de conforto e segurança

4

• Dinheiro, Necessidade e Desejos

- O dinheiro é a encarnação dos desejos. Pega neles, por muito vagos, triviais ou atrozes que eles sejam e transmite-os para o mundo, como o pedido de socorro de um navio em dificuldades.
- Mas contrariamente ao pedido de socorro, não apela a sentimentos de benevolência individual ou humanidade comum; oferece antes uma recompensa, que em nenhum sentido é fixa ou finita – não existe valor objectivo ou invariável no dinheiro – mas que qualquer pessoa é livre de imaginar no reino dos seus desejos. Esse desejo de imaginação, desencadeado ou completado milhões de vezes por segundo, é o motor da nossa civilização

(Buchan, 2002: 36-37).

4

• Dinheiro, Necessidade e Desejos

- Há quem proteste contra a má distribuição do dinheiro, entre os que Têm e os que Não Têm. Ao longo de toda a história da Civilização Ocidental, existiu uma recorrente hostilidade em relação às finanças e aos financeiros, fundamentada na noção de que quem ganha a vida a emprestar dinheiro é um parasita que se alimenta das “verdadeiras” actividades económicas agrícolas e manufactureiras.
- Essas hostilidades têm três causas:
 - **O número de devedores tende a ultrapassar o número de credores, mas os primeiros não gostam dos segundos;**
 - **Crises e escândalos financeiros ocorrem com suficiente frequência, para criar a ideia que as finanças são a causa da pobreza e não da prosperidade, causa a volatilidade e não a estabilidade;**
 - **Serviços financeiros tendem a reunir minorias étnicas ou religiosas, impedidas de deter propriedade fundiária ou exercer cargos públicos.**

4

• Dinheiro, Necessidade e Desejos

- Apesar dos preconceitos, profundamente arraigados contra o “lucro sujo”, o dinheiro é a raiz da maior parte do progresso.
- Ferguson (2009: 10) considerou que a ascensão do dinheiro, constituiu essencialmente a ascensão do homem. A evolução dos créditos e das dívidas, são verdadeiras formas de inovação tecnológicas na ascensão da civilização. Por de trás dos grandes fenómenos históricos, esconde-se um segredo financeiro.
- Hoje, o **PLANETA FINANÇAS** faz sombra ao **PLANETA TERRA**. Por exemplo, em 2006, a riqueza mundial (PIB) era de \$47 biliões, mas a capitalização total dos mercados bolsistas mundiais cifrava em \$51 biliões (10% superior ao PIB). As obrigações domésticas e internacionais eram de \$68 biliões (50% + do que o PIB). Os derivados financeiros - \$473 biliões (17 vezes superior ao PIB). Todos os dias, \$2 biliões de USD, mudam de mãos; e 7biliões mudam todos os meses (Fergusson, 2009).

• Dinheiro, Necessidade e Desejos

O PLANETA FINANÇAS, GIGANTE MAS GASOSO,...

Ele explodiu como uma bolha na "segunda-feira negra" da semana passada. O planeta finanças inchou de 12 trilhões de dólares para 170 trilhões em menos de três décadas

1980
ATIVOS FINANCEIROS
12 trilhões de dólares



2006
ATIVOS FINANCEIROS
170 trilhões de dólares
(crescimento de 1300%)

PIB MUNDIAL
48 trilhões de dólares
(crescimento de 380%)

COMPOSIÇÃO DOS ATIVOS FINANCEIROS

55 trilhões
Ações

Nos últimos 25 anos, o valor dos papéis negociados nas bolsas aumentou **1700%**

45 trilhões
Depósitos bancários

Os bancos foram muito bem-sucedidos em atrair novos clientes e em menos de três décadas ampliaram os depósitos em **800%**

44 trilhões
Títulos de dívidas privadas

Pouco mais de **1 trilhão de dólares** em hipotecas permitiu a criação de uma bolha 44 vezes maior, uma vez que as dívidas eram passadas para a frente em um processo chamado de securitização

26 trilhões
Reservas internacionais e títulos públicos

Os países em desenvolvimento nunca tiveram tanto dinheiro guardado no exterior para se proteger de crises. Algumas nações decuplicaram essas poupanças em apenas seis anos

Fuente: McKinsey

...SUPEROU EM MUITO O PLANETA REAL E SEU PIB

O número de países com ativos financeiros superiores ao PIB aumentou

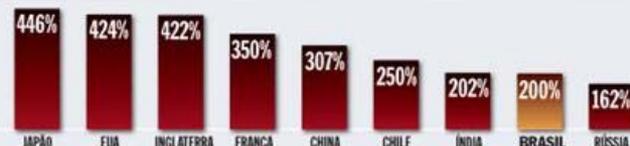
33 PAÍSES

1990

72 PAÍSES

2006

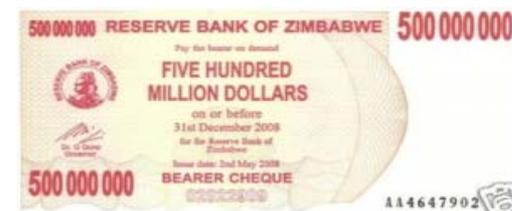
Alguns exemplos dessa relação ativos/PIB



4

• Dinheiro, Necessidade e Desejos

- Durante milhares de anos, as pessoas trocavam o produto do seu trabalho, usando vias mais ou menos directas; formas simples de troca mercantil que ainda hoje se encontram na economia de subsistência, ou em economias que retrocederam, devido a políticas destrutivas, como aconteceu em:
 - Moçambique, na primeira década depois da independência, quando a economia moçambicana mergulhou numa espécie de “economia de guerra”;
 - Zimbabwe - recentemente com a destruição da economia pelo regime de Robert Mugabe.



Em Dezembro de 2008, Z\$500.000.000 correspondia a US\$2.0

4

• Dinheiro, Necessidade e Desejos: Como se destrói o valor do dinheiro!

Em 2008 Mugabe era o Presidente mais Feliz do Mundo: Tinha convertido todos os Zimbabueanos em Multimilionários



Uma criança já é “milionária”



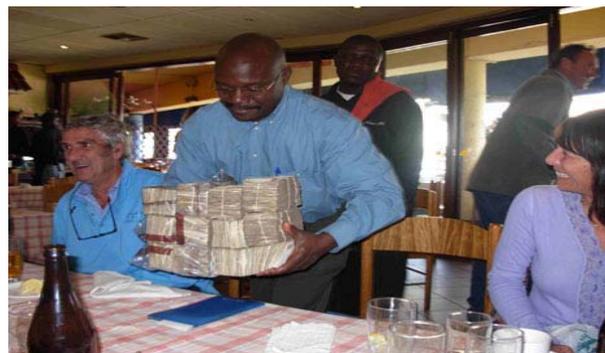
Vegetais custam 5 milhões



Ovos custam 6 milhões



Para levar o salário mensal para casa, precisavam de alugar um táxi, ou uma carrinha, para transportar o dinheiro.



O pagamento da conta no bar, depois de ter bebido umas cervejas



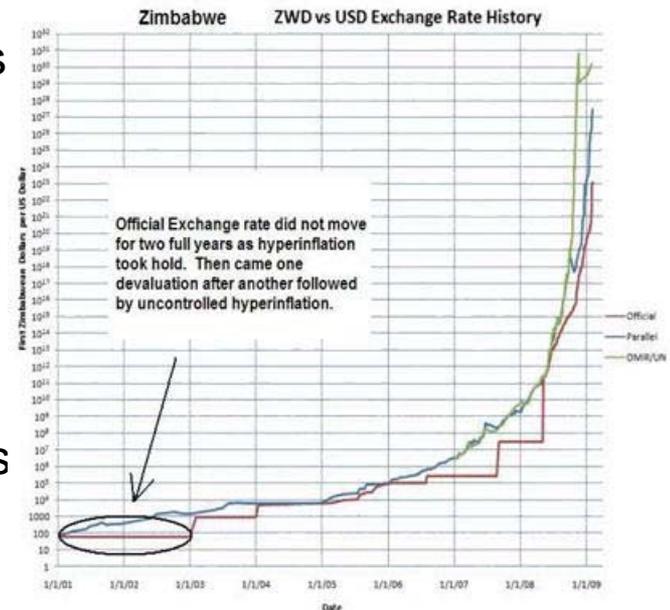
Salário mensal 19

4

• Dinheiro, Necessidade e Desejos: Como se destrói o valor do dinheiro!

O dinheiro é utilizado para diversas funções, mas o seu valor precisa de ser preservado na economia, principalmente pelo Estado, detentor do monopólio da sua produção. Se não se assegura que o dinheiro reflecta adequadamente o valor da riqueza produzida e posta em circulação, as pessoas perdem o valor da sua riqueza.

Até 2009, o Estado Zimbabueano produziu dinheiro sem controle, chegando a ter uma nota de 100 biliões (trilhões brasileiros) (100.000.000.000.000), com a qual se podia comprar quatro pães. Isto mostra como políticas económicas públicas desastrosas podem destruir o valor do dinheiro, com trágicas consequências para o padrão de vida, pensões e segurança social. Mugabe acabaria por optar pelo Dólar americano e pelo Rand. Actualmente, ambas as moedas circulam no lugar do dólar zimbabueano, e para disfarçar sua má gestão financeira, Mugabe culpabiliza o capitalismo internacional.



• Moçambique no Mundo: Criar e Repartir Riqueza

Desde que Moçambique Nasceu... Quando Foi?



- Quando é que Moçambique nasceu com a configuração que tem hoje?
- Porque é que a população cresceu tanto? Ou será que cresceu pouco?
- Comemoramos o dia das Cidades, mas não do País. Se o fizessemos, saberíamos melhor da nossa longa história.
- Qual era o da população há 120 anos?

• Moçambique no Mundo: Criar e Repartir Riqueza

O pensamento económico sempre distinguiu duas questões: **produção de riqueza** (A. Smith) – sua origem, natureza, causas do seu aumento – e repartição/distribuição da riqueza pelas pessoas (D. Ricardo, T. Malthus, Karl Marx).

Desde que Moçambique Nasceu...

O que aconteceu ao desenvolvimento dos moçambicanos?

200 anos, 200 países em 4 minutos (Gapminder)

O que nos diz a fotografia?

E o filme do processo?

• Moçambique no Mundo: Criar e Repartir Riqueza



• Moçambique no Mundo: Criar e Repartir Riqueza

Moçambique não tem melhorado o seu padrão de vida, ao ritmo da melhoria observada a nível mundial. Nos últimos dois séculos, sobretudo desde que Moçambique nasceu como Estado moderno, em 1891, praticamente não acompanhamos os enormes progressos n renda per capita e longevidade (esperança de vida) mundiais. Como mostra a simulação do Gapminder, há 200 anos atrás, os moçambicanos tinham um padrão de vida próximo da maioria da população mundial. Presentemente, enquanto os cidadãos dos Estados Unidos, dos países nórdicos e outros mais desenvolvidos possuem um PIB próximo ou superior a 50 mil dólares por pessoa, Moçambique permanece nos US\$500. É importante notar casos de países excepcionais, como Cuba e Sri Lanka, onde com pouquíssimo dinheiro conseguiram alcançar níveis de esperança de vida próximos dos países mais desenvolvidos. Isto mostra que em sempre o dinheiro é capaz de garantir a melhoria das condições de vida. O dinheiro só proporciona e sustenta a melhoria da vida se as instituições o permitirem. Por outro lado, sem dinheiro mas usando água potável, levando as mãos, e criando um saneamento básico, melhora-se muito a vida. Como símbolo e meio de valor o dinheiro só resolve os problemas em condições sociais favoráveis e hábitos de vida saudáveis.

• Moçambique no Mundo: Criar e Repartir Riqueza

Moçambique não tem melhorado o seu padrão de vida, ao ritmo da melhoria observada a nível mundial. Nos últimos dois séculos, sobretudo desde que Moçambique nasceu como Estado moderno, em 1891, praticamente não acompanhamos os enormes progressos n renda per capita e longevidade (esperança de vida) mundiais. Como mostra a simulação do Gapminder, há 200 anos atrás, os moçambicanos tinham um padrão de vida próximo da maioria da população mundial. Presentemente, enquanto os cidadãos dos Estados Unidos, dos países nórdicos e outros mais desenvolvidos possuem um PIB próximo ou superior a 50 mil dólares por pessoa, Moçambique permanece nos US\$500. É importante notar casos de países excepcionais, como Cuba e Sri Lanka, onde com pouquíssimo dinheiro conseguiram alcançar níveis de esperança de vida próximos dos países mais desenvolvidos. Isto mostra que em sempre o dinheiro é capaz de garantir a melhoria das condições de vida. O dinheiro só proporciona e sustenta a melhoria da vida se as instituições o permitirem. Por outro lado, sem dinheiro mas usando água potável, levando as mãos, e criando um saneamento básico, melhora-se muito a vida. Como símbolo e meio de valor o dinheiro só resolve os problemas em condições sociais favoráveis e hábitos de vida saudáveis.

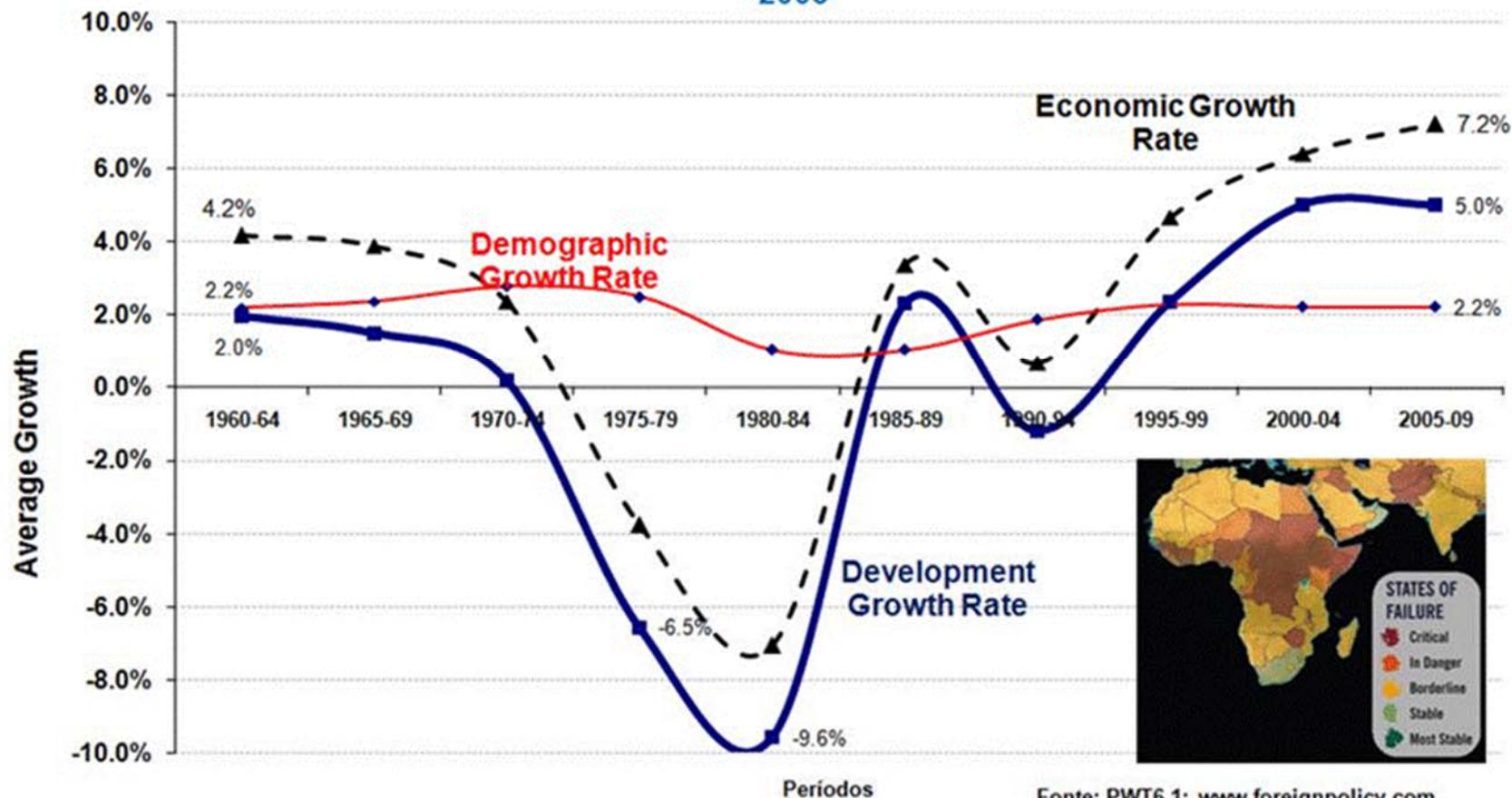
• Moçambique no Mundo: Criar e Repartir Riqueza

Para melhorar a felicidade individual, expandindo o padrão de vida, o conhecimento e a longevidade, ou seja o desenvolvimento humano na perspectiva do índice do PNUD, temos que aumentar a riqueza que pague, financie e sustente tal melhoria da vida humana.

Moçambique percorreu os últimos 200 anos, como ilustra o gráfico Gapminder, sem conseguir passar de \$1000 ppc; aumentou a esperança de vida de 30/35 para cerca de 50 anos. Há 200 anos atrás, um moçambicano vivia em média 30 anos. Essa era a dimensão temporal da felicidade do moçambicano. As mulheres começavam a ter os filhos aos 15 anos, porque restariam mais 15 anos de vida. Se não os fizessem na adolescência, não conseguiriam que pelo menos um ou dois filhos sobrevivessem, dando continuidade à família e linhagem. Estudos recentes no IESE, têm mostrado que a principal forma de protecção social em Moçambique, é ter muito filhos. E neste contexto o Estado fornece uma assistência mínima, irregular e marginal. Se as pessoas dependessem da assistência social pública já teriam morrido há muito tempo.

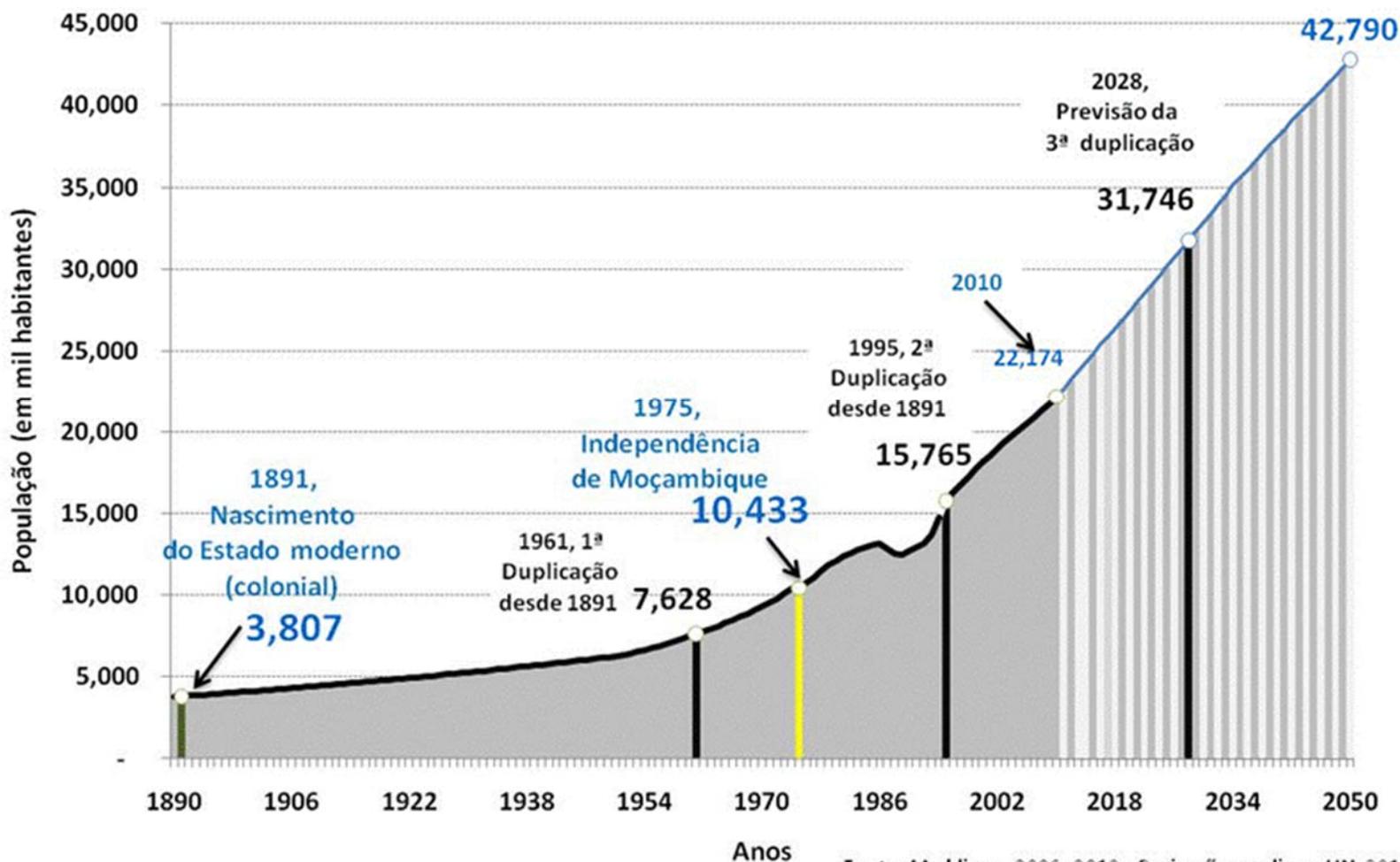
• Moçambique: Falido mas não Falhado

Figure 3. From a Colonial State Towards a Bankrupted Sovereign State: Half Century of Demographic, Economic and Desenvolviment Growth, Mozambique 1960-2005



• Moçambique: Falido mas não Falhado

Figura 3: Evolução e Projecção da População Moçambicana: 1890-2050



Fonte: Maddison, 2006; 2010; Projecção mediana UN, 2010a

• Moçambique: Falido mas Não Falhado

Se me perguntarem como é que eu defino Moçambique, numa frase simples e curta, eu respondo o seguinte:

Moçambique é um Estado Falido, mas Não Falhado.

Falido – Porque o Estado não possui um contrato social viável e sustentável com a sua própria sociedade, por forma a ser ela a garantir as receitas que sustentam a sua actividade pública. O Estado não aguentaria mais de meia dúzia de meses, com o nível de despesas que vem realizando, sendo obrigado a pedir emprestado, ou melhor, PEDIR DADO. Vive à custa da ajuda internacional.

Não Falhado – Porque o Estado ainda preserva uma certa estabilidade social e administrativa, em grande parte porque consegue assegurar soluções que evitem a situação dos Estados Falhados como a Somália, ou a Guiné-Bissau. Neste último caso, curiosamente, temos observado que o Governo informal, ao golpear o Governo constituído por via de eleições democráticas, tem-se mostrado mais forte do que o formal.

A adesão de moçambique às instituições de Bretton Woods

Por Prakash Ratilal *

Porque é que Moçambique não aderiu em 1975 às instituições de Bretton Woods? A decisão não foi apenas de natureza técnica ou legal. Constitui, essencialmente, uma decisão estritamente política e reflecte opções de política económica a seguir.

De entre os vários factores retardadores da nossa relação com o FMI e o Grupo do Banco Mundial podem-se enumerar:

- O colapso do império colonial português em 1974 contribuiu para o recuo das fronteiras da dominação racista que se estendiam do Sul de África. A forma como Moçambique ascendeu à independência e, 5 meses depois, Angola, com apoio essencialmente proveniente de países do Leste (destaque para URSS), a República Popular da China, dos países Nórdicos e dos países Não-Alinhados. No momento da vitória, não estando ao lado dos vencedores, os países

possuíam uma relação estável com o nosso País.

- Devido à sua complexidade, face à exiguidade de técnicos e às imensas tarefas a realizar, em 1975, o País não dispunha de um estudo técnico e financeiro sobre a adesão ao FMI e o seu enquadramento político. E, no meio de tantas outras tarefas a realizar para consolidar a independência, só em 1977/78 se encomendou o primeiro estudo sobre FMI e Banco Mundial ao Professor Marc Wuyts.

O FIM DO COLONIALISMO E OS PRIMEIROS ANOS DA INDEPENDÊNCIA

Moçambique fica independente num contexto em que a economia colonial apresentava sérios desequilíbrios estruturais. Era uma economia atrasada, subdesenvolvida, estruturalmente

económica dos Países do Pacto de Varsóvia, liderados pela União Soviética;

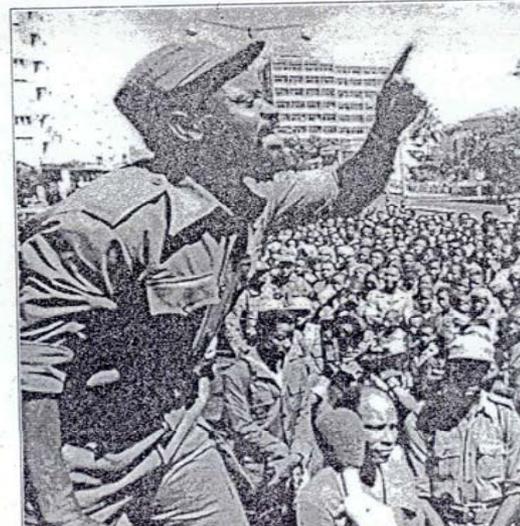
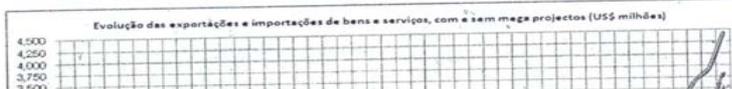
O mundo ocidental interpretou este sinal como sendo a opção definitiva por um dos blocos do conflito Este-Oeste. Isso complicou ainda mais a nossa relação com o Ocidente e elevou o nível de suspeição. Sinais ambíguos permitiram que o apartheid aumentasse ainda mais a agressividade contra Moçambique;

Em Abril de 1978, o Governo da África do Sul rescindiu unilateralmente o Acordo de 1928 assinado com o governo colonial, através do qual parte do salários dos trabalhadores moçambicanos nas minas era utilizado para adquirir ouro ao preço fixo. Assim, receitas que durante décadas financiavam a economia colonial, subitamente deixaram de ser parte da arrecadação de divisas para a nossa

solução do problema da Rodésia, e quando já estava claro que o Zimbabwe se iria tornar independente, o Governo de Moçambique admitia um cenário de paz e tranquilidade para os anos seguintes.

A questão da África do Sul era diferente da colónia Britânica da Rodésia do Sul. A África do Sul já era um Estado independente, membro de pleno direito da ONU. Havia um problema de regime, e que era condenado internacionalmente pela prática de racismo;

Em ambiente de relativa paz e tranquilidade que em 16 de Junho de 1980 se efectiva com sucesso a troca de moeda e se introduz o Metical. Neste período, o estudo sobre a nossa adesão ao FMI e ao Grupo Banco Mundial estava pronto e foi circulado por alguns membros do Governo.



6

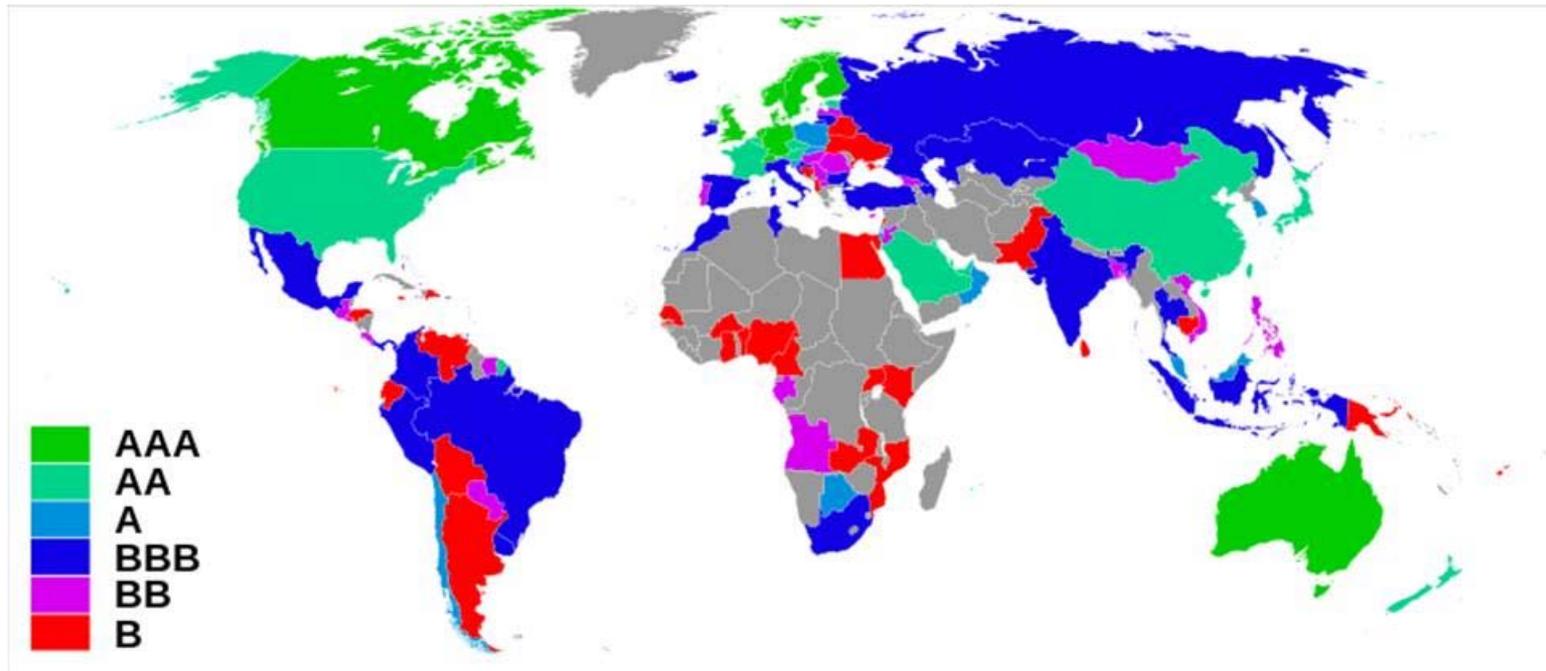
• Moçambique: Contornar a falência com perdões da dívida

- No início desta intervenção, quando disse que iria mostrar que não são só os catadores do lixo que estão no lixo, aqui está a demonstração. Em 1984, o Estado Moçambicano foi obrigado a pedir ajuda internacional, porque ficou incapaz de honrar os seus compromissos. Em Fevereiro de 1984 deixou de pagar o serviço da dívida (Waty, 2011). Para evitar o colapso, optou por pedir ajuda internacional aos doadores que passaram a evitar a bancarrota. Após o resgate em 1984/85, a ajuda prolongou-se até atingir níveis insustentáveis e impagáveis em 1998. Vejamos a tabela seguinte. Em 2009, Moçambique apresentava-se como um país sustentável, mas graças a quê? Ao perdão da dívida em vez da viabilização do modelo económico-financeiro

Rácios	Limites máximos de Sustentabilidade	1984	1998	2009
Stock/PIB	40%	incumprimento	153%	16%
Stock/Exportações	150%		1348%	59%
Stock/Receitas	250%		2476%	99%
Serv. da dív/Exp	20%		43%	1%
Serv. da dív/Rec	30%		24%	2%

Fonte: Ministério das Finanças, 2008; GMD, 2006; Waty, 2011.

• Moçambique: Estabilidade Macro-económica no “Lixo”



Description

•English: World countries by [Standard & Poor's](#) Foreign Rating. Legend: Green - AAA
 •Turquoise – AA; Light blue – A; Dark blue - BBB
 •Purple – BB; Red – B; Grey - not rated

Date 27 April 2012

Source •[BlankMap-World6, compact.svg](#)

Author •[BlankMap-World6, compact.svg](#): [Canuckguy](#) et al.

•[World countries Standard & Poor's ratings.png](#): [NovaNovaBn](#) et al.; derivative work: [DOSGuy](#) (talk)

- **Moçambique: Estabilidade Macroeconómica no “Lixo”?**
- (classificação internacional de crédito)

Moody's		S&P		Fitch				
Longo Prazo	Curto Prazo	Longo Prazo	Curto Prazo	Longo Prazo	Curto Prazo			
Aaa	P-1	AAA	A-1+	AAA	A1+	Prime		
Aa1		AA+		AA+		High Grade		
Aa2		AA		AA				
Aa3		AA-		AA-				
A1		A+		A+				
A2	P-2	A	A-1	A	A1	Upper Medium Grade		
A3		A-		A-				
Baa1		BBB+		BBB+				
Baa2	P-3	BBB	A-3	BBB	A3	Lower Medium Grade		
Baa3		BBB-		BBB-				
Ba1	Não Prime	BB+	B	BB+	B	Non Investment Grade Especulativo		
Ba2		BB		BB				
Ba3		BB-		BB-				
B1		B+		B+				
B2		B		B				
B3		B-		B-				
Caa		CCC+		C		CCC	C	Riscos substanciais Extremamente especulativo
Ca		CCC				CCC		
C		CCC-				CCC		
/				D		/	DDD	/
/	DD							
/	D							



Moz

http://www.thinkfn.com/wikibolsa/Ag%C3%Aancia_de_rating#Ag.C3.AAncias_de_not%C3%A7%C3%A3o_de_risco

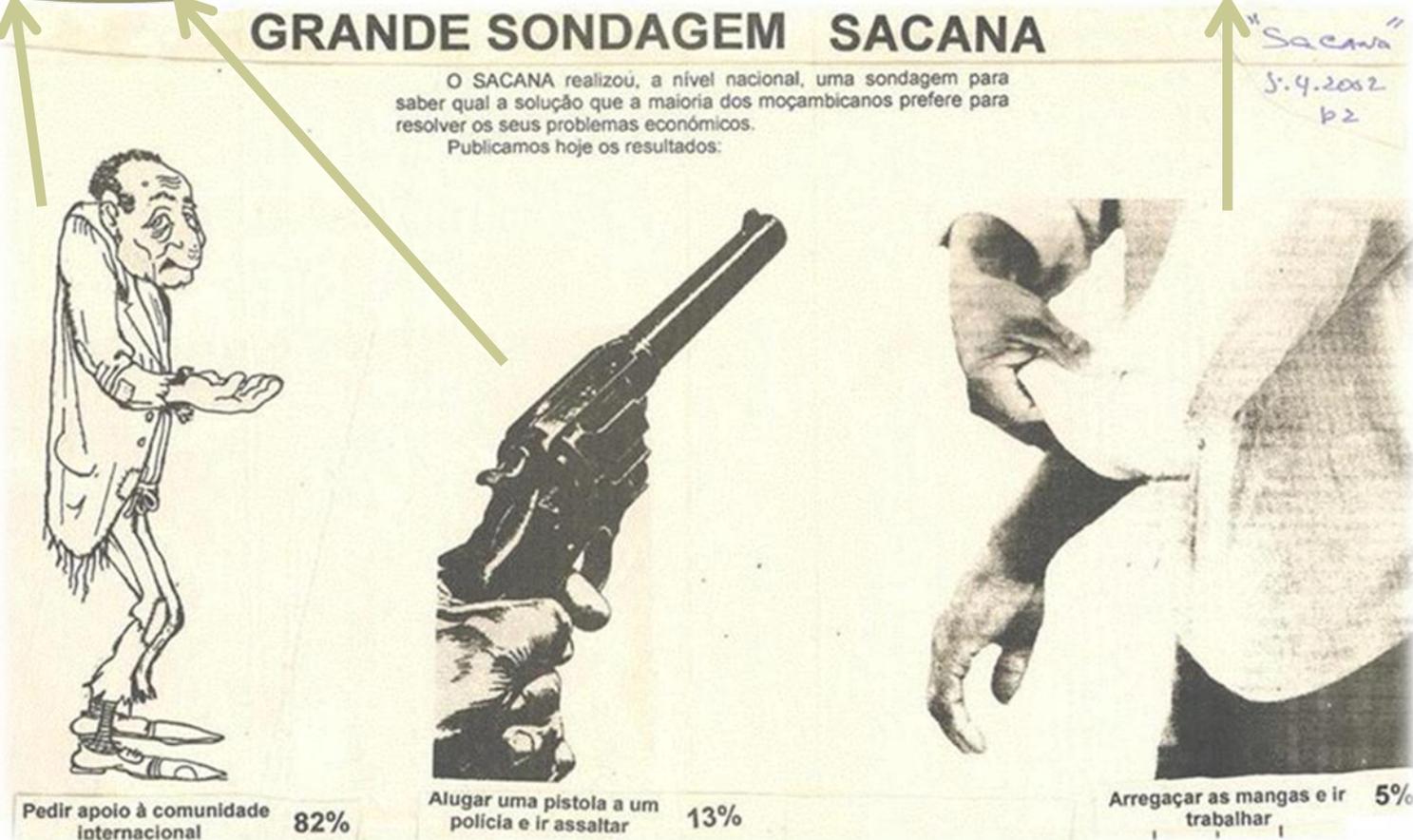
Moçambique, com notação de B+, significa que possui condições vulneráveis e adversas no mercado empresarial, financeiro e económico, mas ainda consegue ter capacidade de resposta aos seus compromissos financeiros. Como? Através da ajuda financeira e técnica dos parceiros, os quais têm evitado a bancarrota moçambicana; ou seja, a queda para os níveis C ou mesmo D. Assim, entre 1984 e 2012, Moçambique saiu de D para B+, na classificação da S&P. A referência à classificação financeira internacional, serve para mostrar que vocês, ao procurarem soluções na apanha do lixo, não se devem sentir inferiorizados, porque no lixo estamos todos nós... incluindo os que vivem do e no luxo!

7

• Três Formas de Aquirir Riqueza: Pedir, Roubar e Trabalhar

Meios Políticos

Meios Económicos



Três Formas de Aquisição de Riqueza: O problema da cultura de tudo roubar

TRAGÉDIA DOS COMUNS: Nossas instituições fomentam mais o subdesenvolvimento do que o desenvolvimento

Numa Presidência Aberta

De boi para Burro?



Burros no lugar de bois

NO PROBLEMA DA sua vida de trabalho a província do Maputo, Armando Guebuza encala na segunda-feira no posto administrativo da Presidência da Moçambique, onde se encontra a solução destes problemas.

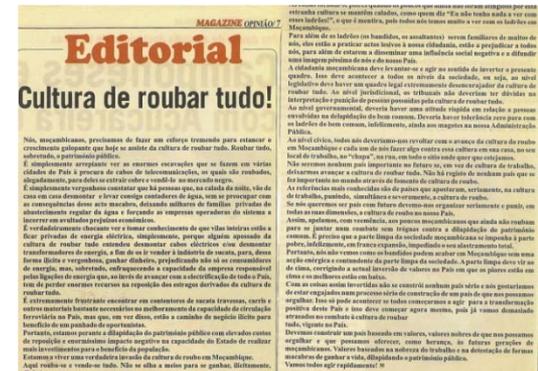
Uma análise, baseada de tanto a dialogar os esforços do Governo nos programas de fomento pecuário, mas desmotivada pela onda de roubos que acontecem.

Um anúncio, enviado de tanto a dialogar os esforços do Governo nos programas de fomento pecuário, mas desmotivada pela onda de roubos que acontecem.

Um anúncio, enviado de tanto a dialogar os esforços do Governo nos programas de fomento pecuário, mas desmotivada pela onda de roubos que acontecem.



Ao contrário do que defende Carlos Serra, no seu Blog, roubar ao desenvolvimento gera subdesenvolvimento, não “outros desenvolvimentos”. Para mais testemunhos sobre a expansão da “cultura de tudo roubar”, ver postagens no Blog de Serra *Diário de um Sociólogo*.

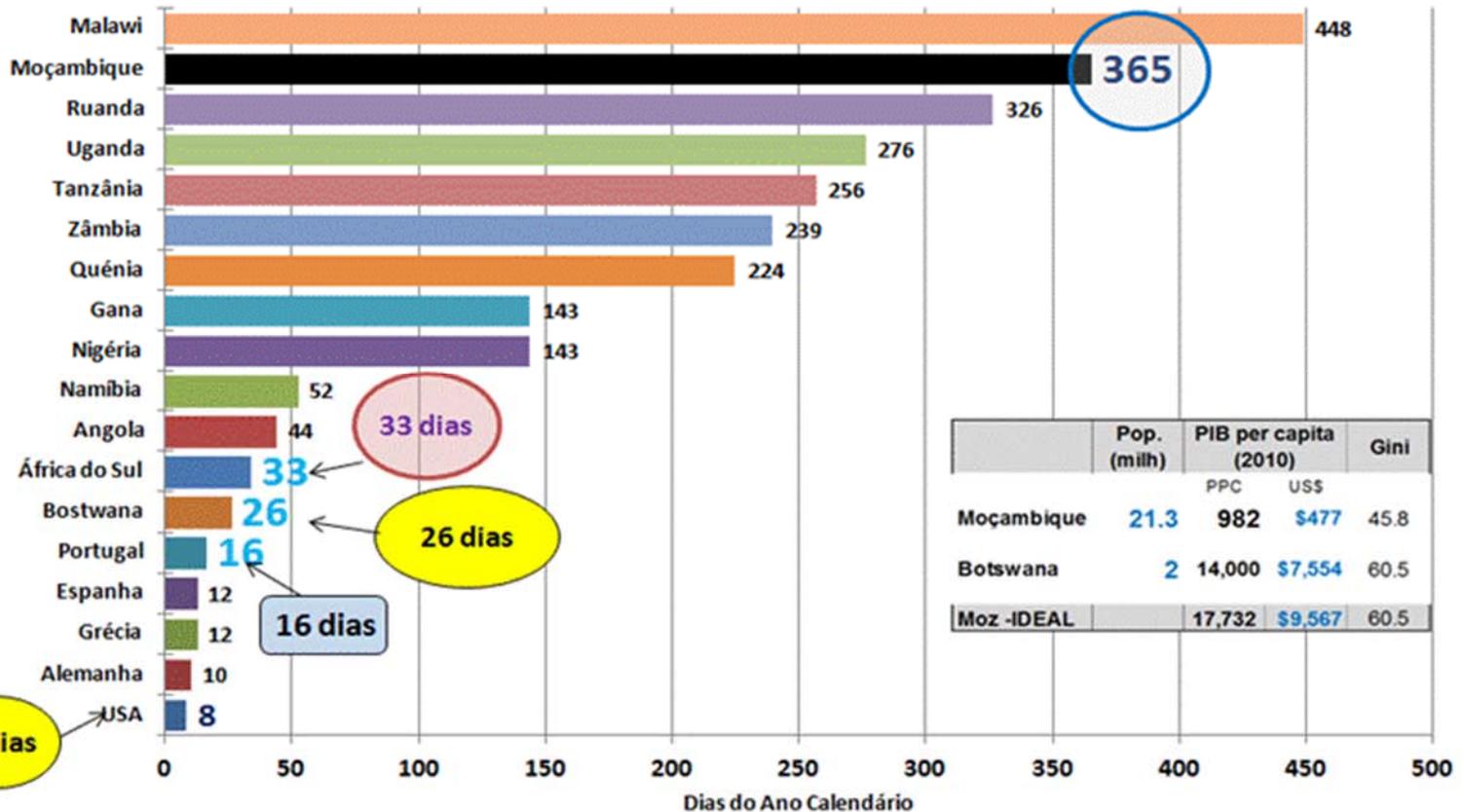


• Protecção Social: Assente em que tipo de Instituições

- Uma economia que depende de instituições políticas, culturais e sociais predadoras, em vez de produtivas, dificilmente poderá conduzir a um modelo de estabilidade macro-económica alicerçada no investimento produtivo. Por isso, devemos interrogarmo-nos quando o FMI afirma que Moçambique tem uma boa estabilidade macro-económica. Que estabilidade é esta? É uma estabilidade num ambiente altamente especulativo, que no jargão financeiro é conhecida por “lixo”.
- Isto afecta a PROTECÇÃO SOCIAL, se a entendermos como o conjunto de mecanismos, iniciativas e programas com o objectivo de **garantir uma segurança humana digna**, libertando os cidadãos de dois medos (riscos, ameaças) cruciais no ciclo da vida individual: **1) Medo da carência**, sobretudo alimentar e profissional, seja accidental, crónica ou estrutural; **2) Medo da agressão** e desprotecção física e psicológica (Francisco, 2010: 37).
- Vejamos a base produtiva e a produtividade de Moçambique em relação a outros países.

Três Formas de Aquisição de Riqueza: Pedir, Roubar e Trabalhar

Produtividade do Moçambicano e do Resto do Mundo, Medida em Produto Interno Bruto (PIB) per capita, 2010

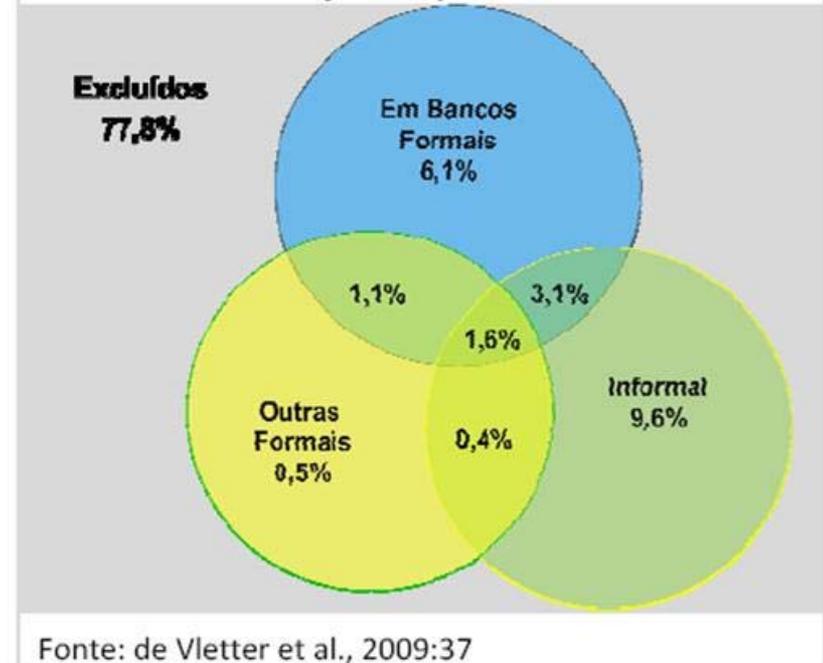


	Pop. (milh)	PIB per capita (2010)		Gini
		PPC	US\$	
Moçambique	21.3	982	\$477	45.8
Botswana	2	14,000	\$7,554	60.5
Moz -IDEAL		17,732	\$9,567	60.5

• Protecção Social: Demográfica Versus Financeira

- Para que se possa criar um sistema de PS inclusivo, é preciso desenvolver um sistema financeiro abrangente e inclusivo. Presentemente o sistema financeiro tem por um lado, uma oferta de capital financeiro concentrada num pequeno número de agências e actores (22%), enquanto cerca de 78% da população adulta, está completamente excluída desse sistema:
 - **87% rurais**
 - **61% urbanos**
- Os 22% inclui o sistema financeiro formal e informal, incluindo a segurança social. A mentalidade é que o xitique não faz parte da PS. Porquê? Porque não é fornecida pelo Estado.

Figura 1: Mecanismos de Acesso Financeiro, Moçambique 2009



• Protecção Social: Demográfica Versus Financeira

- A tabela ao lado resume o papel do Estado, tanto na segurança social básica, como na contributiva. Com esta base, o primeiro passo na busca de uma PS mais desenvolvida, é tomarmos consciência que a base para uma PS pública, será o desenvolvimento de uma base produtiva individual e empresarial.
- O Estado não produz nada. Pelo contrário, consome. E se consome mais do que produzimos é porque pede esmola.
- A função do Estado resume-se a facilitar ou dificultar a actividade dos actores produtivos.

Tabela 2: População em Idade Economicamente Activa e Protecção Social Formal em Moçambique 2007

	Total	%
	(em 1000 pessoas)	
População Total (Censo 2007)	20,632	100
População 7 e mais anos de idade	15,213	73.7%
População em Idade Activa (PIA), 15-64 anos	10,589	51.3%
PIA por Sector de Actividade		
Assalariada	837	7.9%
Informal	7,942	75%
Desempregada	1,800	17%
População infantil trabalhadora (7 -14 anos)	1,354	8.9%
PIA por Fonte de Contribuição		
Previdência Social Estado (Funcionário da Adm. Pública)*	231.8	2.2%
Trabalhadores no Sistema de Segurança Social (INSS)	690.0	6.5%
Activos	193.4	1.8%
Inactivos	496.5	4.7%
População Abrangida pela P.S Formal (Previdência Social + INSS)	921.7	8.7%
Actuais Beneficiários de Segurança Social Formal (INSS Activos + Estado)	425.2	4.0%

* O Censo de funcionários indicou um total de 189.983 funcionários, mas o dado usado aqui deriva do Censo 2007

Fonte: INE, 2005, 2009a, 2010; Recama, 2008

• Protecção Social: Demográfica Versus Financeira

- Ao longo da década passada, menos de 10% dos moçambicanos contribuíram com impostos para o Orçamento do Estado. E se a ajuda internacional se mantém, como caridade ou como gostamos de lhe chamar, ajuda ao desenvolvimento, é porque o montante envolvido é mínimo para os países doadores. O mesmo não acontece agora, com os países europeus, principalmente quando a Espanha e a Itália tiverem que pedir ajuda.
- A ajuda a Moçambique mantém-se por três décadas, por envolver um montante relativamente pequeno para os doadores, criando uma estabilidade precária, do que deixar que o país mergulhe no caos.

Tabela 3: Orçamento do Estado para Protecção Social Formal em Moçambique, 2009-10				
(em Milhões de US\$)	2009		2010	
Protecção Social Formal (PSF)	\$13.7	% PSF	\$11.3	% PSF
Orçamento de Estado	\$2,858	0.48%	\$3,855	0.3%
PIB	\$8,327	0.17%	\$8,926	0.13%
Câmbio: Mt:US\$, 30,6 Mt - \$1				
Fonte: FDC e UNCEF, 2010				

8

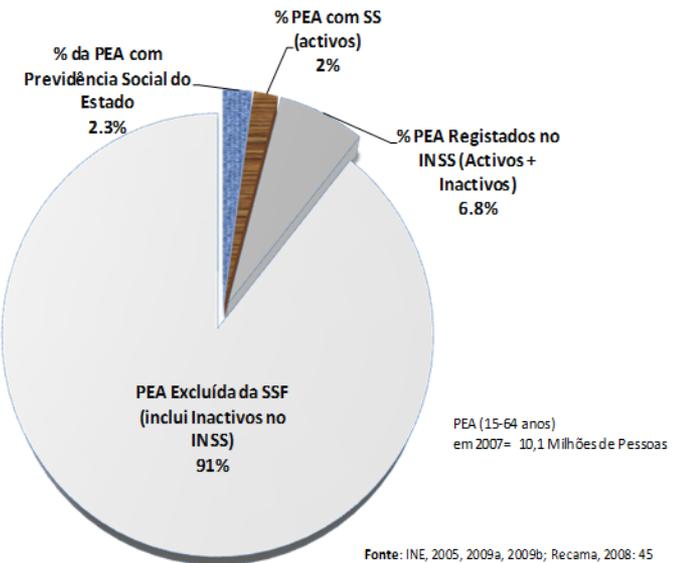
• Protecção Social: Demográfica Versus Financeira

O mesmo Millôr Fernandes que usei no título desta apresentação, também escreveu o seguinte:

Mordomia é ter tudo o que o dinheiro - do contribuinte - pode comprar (MF).

Temos acompanhado os escândalos do INSS, com roubos sucessivos do dinheiro que o Estado nos obrigada a depositar, alegadamente para nossa protecção. Não é possível confiar num sistema destes. O mesmo acontece com outros mecanismos que deviam contribuir para a PS, mas servem para alimentar o roubo (e.g. o caso do totoloto em Abril passado). Num país com estes casos, as perspectiva de PS pública são miseráveis.

Figura 2: População Economicamente Activa (PEA) e Segurança Social Formal (SSF) em Moçambique 2007

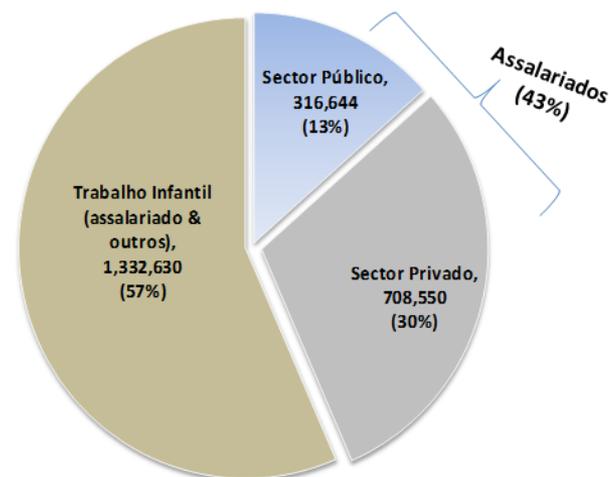


• Protecção Social: Demográfica Versus Financeira

O Censo 2007 do INE registou que Moçambique possuía, no final da primeira década deste século, cerca de um milhão de assalariados: pouco mais de 708 mil no sector privado e cerca de 317 mil no sector público. Por outro lado, tinha cerca de 1,3 milhões de crianças trabalhando mais de 28 horas por semana.

Ou seja, a PS dos membros da família assenta também no contributo do trabalho infantil. Para se alterar este modelo, só existe uma maneira viável e sustentável: a produtividade. Aumentar a produtividade para libertar as crianças do trabalho infantil.

Figura 5: Trabalho Infantil Versus Trabalho Adulto Assalariado nos Sectores Privado e Público, Moçambique Censo 2007



Fonte: INE, 2010

• “Utilidades das Coisas Inúteis”

• (Dan Ariely)

- Para terminar esta intervenção, talvez seja útil considerar o que um dos investigadores actuais, da chamada Economia Comportamental, designa por “utilidades das coisas inúteis”.
- Isto é útil, porque este seminário vai lidar precisamente com isso: a utilidade de coisas que em princípio são inúteis - lixo, garrafas vazias, resíduos sólidos e outros.
- Como escreveu Dan Ariely, uma coisa inútil que as pessoas passam a considerar importante, ao ponto de poder ser transformada em fonte de rendimento. Essa coisa inútil passa a adquirir uma utilidade, motivando as pessoas a trabalhar mais para transformá-la em coisas úteis.
- O facto de haver um monte de coisas inúteis que você queira comprar, muda a nossa motivação. Muda as motivações, principalmente se abrir o leque de possibilidade das pessoas solucionarem os problemas quotidianos da sua vida.

• “Utilidades das Coisas Inúteis”

• (Dan Ariely)

- O propósito primordial da vida, que é conquistar a felicidade pessoal, não implica a indiferença para com os outros. Não significa negar a vida humana e a existência de bons motivos, para ajudar o próximo em situações de emergência.
- Mas uma coisa é ajudar em emergência e outra é transformar a emergência na normalidade. Desde a década de 1980 andamos de emergência em emergência. A maior parte dos moçambicanos foram colocados numa dependência crónica do bem-estar dos outros; dependência do capricho e da vontade de alguns, que se acham com poder de “desenvolver”, “ajudar”, e “empoderar” os outros.
- A emergência deixou de ser excepção. Tornou-se regra; um acto de obrigação moral, em vez de generosidade; em vez de incidental, como são os desastres no curso da existência humana.
- Isto é mau e muito nocivo para uma PS digna e moderna.

• “Utilidades das Coisas Inúteis”

• (Dan Ariely)

- O único propósito moral adequado ao Estado deveria ser **proteger os direitos das pessoas e protegê-las da violência física, do risco da carência e insegurança pública; protege-las no seus esforços em busca da felicidade.**
- Mas isto implica proteger o direito à vida, à liberdade, à propriedade, em vez de privá-las da segurança pública e dos seus activos. Sem direito à propriedade nenhum outro direito é possível.
- Quando em vez dos valores, são os desastres, as calamidades, e a pobreza que servem de referência, meta e prioridade da acção do Governo, significa que vivemos num modelo anacrónico. Infelizmente a ética altruísta apregoada, entre nós, pelos partidos políticos e pelos governantes, baseia-se numa ideia de “universo malévolo”, em que as pessoas são tratadas com meios e por isso devem permanecer desamparadas e desprotegidas.
- Num modelo destes, sucesso, felicidade e conquista individual, são privilégios de alguns e utopia para a maioria. A maioria reserva-se a emergência e exposição à catástrofe, como norma da sua vida. É o que acontece à maioria da população rural moçambicana e mesmo grande parte da urbana.

• “Utilidades das Coisas Inúteis”

• (Dan Ariely)

- Os temas que serão abordados neste seminário são típicos de ambientes urbanos. As pessoas continuam a vir para Maputo, mas as oportunidades de emprego e geração de renda são muito limitadas.
- Por isso, a maioria das pessoas vivem no limiar do suportável; no limiar do sustento; o que é visível quando algum dos actores (governo ou operadores) querem ajustar os preços dos transportes e dos bens básico. Vimos o que aconteceu em Fevereiro de 2008 e em Setembro de 2010.
- Em contrapartida, relembramos a Xenofobia na África do Sul contra os moçambicanos. Correram com os moçambicanos pobres, basicamente os mais pobres, mas ao fim de um mês muitos voltaram. Porquê? Porque aqui não encontravam alternativas de emprego.
- O vosso esforço e acção de valorização das actividades em que envolvem as crianças de rua, é um bom exemplo da busca de alternativas de PS, sem esperar pela assistência do Estado. É certo que envolve uma assistência externa, mas o importante é aproveitarei essa oportunidade, para criarem soluções próprias e efectivas.

• **DEBATE: Algumas das questões colocadas durante o debate**

- Q1:** Considerando os escassos recursos disponíveis, a política pública deve centrar-se mais na distribuição da riqueza existente ou na criação de oportunidades mais inclusivas para as pessoas?
- Q2:** A forma como as autoridades camarárias lidam com a informalidade é correcta?
- Q3:** Como integrar os grupos vulneráveis na protecção social?
- Q4:** Não haverá possibilidade de se criar uma PS moderna, sem o desenvolvimento de um sistema financeiro mais amplo?
- Q5:** Considerando o destaque que os discursos e os media dão ao elevado crescimento económico, como se justifica e até quando é que a ajuda ao Orçamento de Estado se prolongarão?
- Q6:** A PS tradicional, baseada no trabalho dos filhos, não é ela própria frágil?
- Q7:** Não seria melhor distinguir o sistema de PS básico, do sistema de previdência social contributiva, em vez de manter tudo misturado?

• Referências Seleccionadas

- Ariely, D., 2011. *O Lado Bom da Irrracionalidade*, Alfragide: Lua de Papel.
- Buchan, J., 2002. *Desejo de Papel: Investigação sobre o Significado do Dinheiro*, Mira-Sintra -Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Ferguson, N., 2009. *A Ascensão do Dinheiro: uma história financeira do mundo*, Barcelos: Civilização Editora.
- Francisco, A., 2010a. Enquadramento Demográfico da Protecção Social em Moçambique: Dinâmicas Recentes e Cenários Prospectivos. www.iese.ac.mz/lib/publication/conf_oit/Antonio_Francisco.pdf [Accessed June 2, 2011].
- Francisco, A., 2012a. Estado e Informalidade: Como Evitar a “Tragédia dos Comuns” em Maputo? *IDeIAS*, Boletim Nº 41. www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_32.pdf.
- Francisco, A., 2002. Evolução da Economia de Moçambique da Colónia à Transição para a Economia de Mercado. In C. Rolim et al., eds. *A Economia Moçambicana Contemporânea - Ensaios*. Maputo: Gabinete de Estudos, Ministério do Plano de Finanças, pp. 15–43.
- Francisco, A., 2010b. Moçambique: Protecção Social no Contexto de um Estado Falido mas não Falhado. In L. de Brito et al., eds. *Protecção Social: Abordagens, Desafios e Expectativas para Moçambique*. Maputo: IESE, pp. 37–95. www.iese.ac.mz.
- Francisco, A., 2012b. Oportunidades e Constrangimentos ao Desenvolvimento num Ambiente de Mercado Controlado. In Palestra no Município de Quelimane. Quelimane. www.iese.ac.mz/lib/noticias/Bazarconomia_Moz_Sofala.pdf.
- Francisco, A., 2012c. Política Pública e Intervencionismo: Por Que Existe o PARP em Moçambique? In L. de Brito et al., eds. *Desafios para Moçambique 2012*. Maputo: no prelo.
- Francisco, A., 2012d. Por que o PARP Existe em Moçambique? – Versão completa do artigo publicado no Semanário Canal de Moçambique. *Canal de Moçambique*, pp. Parte 1 (pp. 16–18); Parte 2 (pp. 18–23).
- Francisco, A., 2011. Ter Muitos Filhos, Principal Forma de Protecção Social numa Transição Demográfica Incipiente. In L. de Brito et al., eds. *Desafios para Moçambique 2011*. Maputo: IESE, pp. 231–282. www.iese.ac.mz.
- Francisco, A. & Muhorro, S., 2011. Pauperização Rural em Moçambique na 1a Década do Século XXI. *IDeIAS*, Boletim Nº 34~, 8 de Abril. www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_32.pdf.
- Gilbert, D., 2007. *Tropeçar na Felicidade* 2a ed., Cruz Quebrada: Estrela Polar. <http://www.wook.pt/ficha/tropear-na-felicidade/a/id/194285>.
- Hanlon, J., 2010. Basta Dar Dinheiro aos Pobres! In L. de Brito et al., eds. *Protecção Social: Abordagens, Desafios e Expectativas para Moçambique*. Maputo: IESE, pp. 173–185. www.iese.ac.mz.
- Oppenheimer, F., 1908. *The State: Its History and Development Viewed Sociologically*, <http://mises.org/document/4970/The-State-Its-History-and-Development-Viewed-Sociologically>.
- Rand, A., 1964. *The Virtue of Selfishness: A New Concept of Egoism*, New York: SINGET, Penguin Books.
- Veja, 2008. Especial: A Cavalaria Salvou o Dia. *Veja.com*, Edição 2079. http://veja.abril.com.br/240908/p_126.shtml.
- Vletter, F. de, Lauchande, C. & Infante, E., 2009. FinScope Mozambique Survey 2009 – Survey Report.
- Waty, T.A., 2011. *Direito Económico*, Maputo: W&W Editora, Limitada.